Introdução

O primeiro dos temas de nosso título, a catarse (κάθαρσις), constitui-se em um dos grandes problemas discutidos por aqueles que se dedicam a analisar a *Poética* de Aristóteles. É uma noção não definida pelo filósofo nesta obra e que envolve outras duas, também presentes no título da tese, a saber: emoção e prazer. Conforme os intérpretes considerem a relação entre estas duas últimas noções, a interpretação que se possa fazer da catarse é afetada, apresentando uma gama de sentidos que ao longo da história não cessou o debate, na verdade, tornou-o perene.

A presente tese de doutorado intenta esclarecer a relação que há entre emoção e prazer na *Poética* de Aristóteles, e verificar se sua compreensão pode aclarar aquele que é um dos problemas mais obscuros dessa obra aristotélica, a catarse. Por conseguinte, mais do que propor uma interpretação da catarse, entre tantas outras, procuramos entender a possibilidade de uma tal interpretação.

A *Poética* é possivelmente um dos textos mais lacunares e interpolados do filósofo e, à sua história acidentada, junta-se uma gama de dificuldades interpretativas que despertou e ainda desperta o interesse pela obra. Como a maior parte dos escritos aristotélicos que a tradição nos transmitiu, a *Poética* está inserida no grupo dos esotéricos ou acroamáticos, classificação esta que indica que estes textos se dirigiam aos estudos internos da escola de Aristóteles, o Liceu, e não ao público externo. Tal classificação também indica a situação do texto: notas de aulas, do filósofo ou dos discípulos, em que certos temas e noções podem aparecer apenas enunciados. Além disso, muitos dos manuscritos da obra apresentam notas marginais, possivelmente feitas por copistas medievais.¹

¹ “... aqui advertimos que a *Poética* está desagregada por anotações marginais e pequenas adições.” Cf. Ingemar Düring, *Aristóteles*. Tradução de Barnabé Navarro. 2. ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990. p. 206. Ou, ainda, como adverte Eudoro de Sousa sobre a situação do texto: “Nenhum outro [texto aristotélico] se nos afigura mais ‘torturado’ por notas marginais, expressões parentéticas e acréscimos sucessivos, do que este...” Cf.

A noção de catarse era empregada mais comumente nos contextos dos rituais religiosos e no da medicina, e na obra aristotélica aparece em seus sentidos mais comuns. Entretanto, no contexto da *Poética* o substantivo κάθαρσις aparece como parte do que é suscitado pela tragédia. Este tipo de trama (μῦθος) é a mais analisada ao longo do opúsculo e, apesar disso, Aristóteles não define a κάθαρσις do drama trágico. A falta de definição por parte dele impulsionou diversas tentativas de interpretação do que seria a catarse provocada pela trama da tragédia, a ponto, como nos diz Sir David Ross, de compor uma “biblioteca inteira”.²

No século II d.C., especialmente com Alexandre de Afrodísia, inicia-se um período de estudos mais atentos das obras do *Corpus Aristotelicum*, estudos estes que não incluem o texto da *Poética*. De acordo com Valentín Garcia Yebra, os comentadores de Aristóteles dos séculos III ao século V parecem desconhecer completamente o texto.³ Some-se a isso o fato da *Poética* ser publicada desligada do restante do *Corpus*, junto a antologias de autores, gregos e romanos, de retórica e de poética.

O mais antigo dos códices que conhecemos da *Poética* é o *Codex Parisinus 1741*, que data ou do final do século X ou do início do século XI.⁴ No século XV, este códice chega à Itália e das cópias feitas desse período, das quais nos restaram mais de trinta, iniciam-se as traduções e comentários do opúsculo. A primeira tradução latina da *Poética* data de 1498, e a primeira impressão do texto foi publicada em Veneza, no ano de 1508, por Aldo Manuzio, edição conhecida como *Aldina*, devido ao seu editor. O trabalho de revisão da edição *Aldina*, pelo que sabemos, iniciou-se com J. Láscharis, que procurou melhorar o texto da *Poética* com manuscritos hoje considerados bastante lacunares. No século XVI seguiram-se outras edições que mais se preocuparam em acrescentar comentários do que analisar o texto estabelecido pela edição *Aldina*. Somente em 1536 a Imprensa

“Introdução” In *Aristóteles Poética*. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentário e Apêndices de. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. p. 26.

² Cf. David Ross, *Aristóteles*. Tradução de Luís Filipe S. S. Teixeira. Lisboa: Dom Quixote, 1987. p. 286.

³ Cf. V. G. Yebra, “Introdução I”, In *Aristóteles Poética*. Madrid: Gredos, 1974. p. 13.

⁴ De acordo com J. Vahlen, anteriormente ao manuscrito *Parisinus 1741* contavam-se dezessete outros, todos considerados por esse tradutor como inferiores ao *Parisinus*. Cf. J. Vahlen, *apud*. V. G. Yebra, *loc. cit.*, p. 18.

Aldina publica a primeira edição bilíngue do texto, cuja tradução e comentários couberam a Alexandre Pazzi (Pacius), publicação não mais acompanhada da coletânea de autores de poética e retórica.⁵

Ao manuscrito bizantino *Parisinus 1741* juntou-se outro posteriormente descoberto: o *Riccardianus 46*. Além desse manuscrito, a tradução árabe de Abu Bisr Matta se tornou uma importante fonte para a tradução da *Poética*, assim como a tradução latina, hoje perdida, à qual teve acesso Guilherme de Moerbeke, para sua tradução do texto. Os textos estabelecidos das traduções atuais da *Poética* têm como base as três primeiras fontes que acima citamos. Além disso, da passagem sobre a catarse, os manuscritos nos transmitiram duas expressões, que, infelizmente, não tornam mais fáceis a interpretação; são elas, a mais usada nos textos estabelecidos que conhecemos παθημάτων κάθαρσις (catarse de emoções) e a expressão μαθημάτων κάθαρσις (catarse de ensinamentos) no lugar da anterior.⁶

Tais dificuldades quanto à transmissão do texto, claro, não deixaram de influenciar as interpretações que dele se fizeram. De acordo com Stephen Halliwell, podemos identificar, em um quadro bem geral, seis linhas interpretativas da questão. Numa das interpretações propostas para sanar o problema, a tragédia é entendida como uma maneira de aperfeiçoamento moral, e assim a compreenderam defensores de tal interpretação como, entre outros, Agnolo Segni, Vincenzo Maggi, Pierre Corneille, Rapin, André Dacier, Dryden e Johnson. Em outra linha de leitura, a tragédia proporcionaria amadurecimento

⁵ Cf. *Id. ibid.*, p. 14-20.

⁶ A expressão μαθημάτων κάθαρσις nos foi transmitida pelo *Cód. Parisinus 1741* (Manuscrito A) e pelo texto traduzido do grego para o latim em 1278 por Guilherme de Moerbeke. Já a expressão παθημάτων κάθαρσις está presente nos seguintes manuscritos: *Cód. Riccardianus 46*, *Fragmentum translationis syriacae*, *Syri codex deperditus*, *Translatio arabica*, e *Tractatus Coislianus* (Manuscrito B). Cf. Antônio Freire, *A Catarse em Aristóteles*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1982. p. 35. Como ambas são obscuras, Freire defendeu a tese de que o vocábulo teria sido inserido no texto da *Poética* por copistas medievais e tais expressões deveriam ser substituídas por outra mais recorrente no texto, o que tornaria a passagem mais clara: πραγμάτων σύστασις; podendo ser traduzida a passagem da seguinte forma “a tragédia é uma ação triste e terrível, que acaba a composição dos fatos pelo temor e piedade”. Cf. A. Freire, *op. cit.*, p. 36. Esta tese, por sinal, Freire retoma do iugoslavo M. D. Petrusovski, citando-o ao longo de seu livro; tal tese Petrusovski defendeu em artigo publicado: “Παθημάτων κάθαρσις ou bien Πραγμάτων σύστασις?”, *Ziva Antika* 4 (1954), p. 237-250. Para duas discussões críticas quanto à postura de Petrusovski e Freire ver os seguintes artigos: Marco Zingano, Katharsis poética em Aristóteles. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 24, n. 76, p. 37-55, jan./mar. 1997; Cláudio Willian Veloso, Depurando as interpretações da *kátharsis* na *Poética* de Aristóteles. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 31, n. 99, 2004.

emocional e seria um meio de fortalecimento do caráter, como acreditaram Tímocles, poeta cômico posterior a Aristóteles, Marco Aurélio, Robortello, Minturno e Ludovico Castelvetro. Outra interpretação entendeu que a tragédia proporcionaria a busca da moderação, e assim a catarse da tragédia se alinharia à busca do justo meio da ética aristotélica, tese esta defendida por Daniel Hensius, John Milton, Ingram Bywater, Twining e Gotthold Ephraim Lessing.

A catarse da tragédia também foi entendida como um processo purgativo das emoções dos espectadores; tal purgação seria análoga à purgação da medicina; esta é a conhecida interpretação psicopatológica da catarse feita Jacob Bernays, seguida por H. Flashar e W. Schadewalt, entre outros. Além dessas interpretações, a catarse em *Poética* 6 também foi compreendida como propiciadora de uma clarificação intelectual, como acreditaram Leon Golden e Alexandre Nícev. E, por fim, a interpretação que entende que o processo de purificação ocorre no interior do drama trágico e não em seu espectador ou leitor, tese esta conhecida como interpretação dramática ou estrutural da catarse, defendida especialmente por Gerald F. Else.⁷

Como a maioria das obras do *Corpus Aristotelicum*, a *Poética* é um texto que apresenta interpolações em diversas passagens e, possivelmente, nós a conhecemos apenas em sua forma incompleta.⁸ As posturas dos exegetas que rapidamente expusemos refletem as dificuldades interpretativas da passagem.

⁷ Cf. Stephen Halliwell, *Aristotle's Poetics*. London: Duckworth, 1986. p. 350-356. Devemos lembrar, como faz o próprio Halliwell, que este quadro geral é bem reducionista e, além disso, entre os defensores de uma ou de outra linha interpretativa, não encontramos consenso total.

⁸ Há quem defenda a existência de um segundo livro da *Poética*, que trataria da comédia e possivelmente esclareceria o que entendia Aristóteles por catarse; ou, ainda, que Aristóteles teria tratado da catarse no *Dos Poetas*. Mas dos fragmentos que nos sobraram deste último, dificilmente podemos ter certeza acerca disso. Para a questão de uma catarse cômica ver Lane Cooper, *An aristotelian theory of comedy*. New York, 1922. A existência do livro II da *Poética* é defendida por alguns intérpretes, sendo mesmo feita sua reconstrução a partir do *Tractatus Coislinianus* como fez o helenista Richard Janko: *Aristotle on Comedy. Towards a Reconstruction of Poetics II*. Berkeley and Los Angeles, 1984. Para uma crítica a tal reconstrução de Janko ver Leon Golden, "Aristotle on the Pleasure of Comedy". In A. O. Rorty, *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 379-386 (artigo recentemente traduzido em português: Aristóteles e o prazer da tragédia. Tradução de Edson Resende e João B. Carvalho. *Ethica*, Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, p. 137-147, 2008) Tal reconstrução é de caráter bastante especulativo e frágil, sendo preferível, como considera I. Düring, compreender o texto que temos, com todos os seus limites. Cf. I Düring, *op. cit.*, nota 224, p. 189. Para outros, como Diego Lanza, a remissão à existência de *Poética* II é uma tese de não-especialistas e, tal tese é mesmo desnecessária para solucionar o problema da interpretação de catarse na definição da tragédia. Adotamos aqui uma postura próxima a Düring e Lanza, pois não nos propomos, nem temos subsídios teóricos para tanto, discutir a catarse da comédia. Cf. Diego Lanza, *Aristotele Poetica*. Introduzione, traduzione e note di. Milano: Bur, 2006. p. 20-21.

Sabemos, com certa segurança, que das demais noções presentes na *Poética* que se ligam, de uma maneira ou de outra, à catarse, duas têm destaque, a saber: a emoção (πάθος), mais propriamente as emoções (πάθη) de piedade (ἔλεος) e de temor (φόβος), e a noção de prazer (ἡδονή), pois Aristóteles diz haver um prazer apropriado à tragédia.

Inicialmente, parece haver um paradoxo na compreensão de Aristóteles da trama trágica: ela surte duas sensações contrárias, prazer e dor, e esta última por meio das emoções. O entendimento do prazer próprio da tragédia levou a crítica recente a debater a relação do prazer com as emoções dolorosas e, dessa forma, rever a noção de catarse, visto que esta parece se esclarecer junto com a maneira de entendermos o prazer e as dores provocadas pela tragédia.

Muitas foram as propostas interpretativas e, apesar disso, o consenso é difícil. Como acima vimos, vários problemas acerca do texto, e da forma como ele nos chegou, talvez incompleto, geraram soluções díspares para o sentido de catarse. Apesar disso, em geral as propostas de leitura voltaram-se para a análise dos demais elementos que compõem a tragédia, buscando assim uma compreensão do que Aristóteles entende como o próprio dessa trama, para talvez obter pistas do que venha a ser a catarse. Nossa pesquisa segue este tipo de análise da questão.

Longa é a história das traduções e comentários da *Poética*, com a qual nos ocuparemos de modo apenas ilustrativo, pois, para fazermos justiça aos comentadores e intérpretes que se dedicaram a seu estudo desde o Renascimento, pelo menos, teríamos de empreender outra pesquisa para dar conta de uma tão rica bibliografia sobre a obra. Nesse sentido, nosso trabalho é limitado a discutir a questão da catarse, das emoções e do prazer com algumas obras aristotélicas que esclarecem certos aspectos de tais noções, aspectos importantes para a compreensão delas na *Poética*, e com linhas interpretativas mais próximas a nós, que hoje procuram compreender a obra não apenas ligando-a a outras obras de Aristóteles, mas assumindo mais claramente as limitações do texto que nos chegou.

Dessa forma, a estrutura do nosso trabalho foi dividida da seguinte maneira: no capítulo inicial (item 2) procuramos fazer um histórico, não exaustivo, da catarse e de seus cognatos, para conhecermos os contextos de aplicação de tais vocábulos, e os sentidos advindos destes. Sentimos a necessidade de empreender

tal pesquisa porque sabemos que Aristóteles recebe tais palavras de sua tradição, e queríamos verificar como ele faz uso das mesmas, já que elas inicialmente se aplicam à descrição de rituais purificatórios, passando também a serem usadas na medicina e na filosofia, e, especialmente com Platão, ganham amplitude aplicativa considerável até chegar ao estagirita. No capítulo seguinte (item 3) fazemos a análise da recepção aristotélica de tais cognatos e voltamos nossa atenção à passagem do capítulo seis da *Poética*, onde Aristóteles define o que entende por tragédia e onde vemos a menção à catarse. Ainda nesse capítulo, faremos uma análise dos problemas textuais que impossibilitaram e ainda, a nosso ver, impossibilitam um consenso quanto ao sentido de catarse.

Segue-se a esse capítulo que trata dos usos que Aristóteles faz dos cognatos de καθαίρω, o exame daquela que é considerada por muitos a noção central da *Poética*, a noção de mimese (μίμησις), a qual dedicamos o capítulo terceiro (item 4), retomando aqui boa parte do que trabalhamos em nossa dissertação de mestrado. Neste capítulo, traçamos um histórico em linhas gerais, para entendermos a variedade das aplicações e sentidos de mimese, e de sua família de vocábulos, nos autores do século V a.C., ou seja, nos autores anteriores a Aristóteles. Esse histórico, por sua vez, como o histórico dos cognatos do verbo καθαίρω no capítulo primeiro, não pretende ser exaustivo e mesmo deixa de tratar de Platão, devido, principalmente, à extensão da aplicação que ele faz da família de μιμῆσθαι, verbo do qual o substantivo μίμησις deriva, o que nos levaria a uma outra pesquisa. Segue-se a este capítulo um outro que é sua extensão (item 5), no qual destacamos as passagens centrais da *Poética* em que tais vocábulos aparecem e as dificuldades interpretativas presentes nelas, assim como a importância da noção de mimese para as outras noções que pretendemos discutir na obra, como a de catarse, pois esta é um dos efeitos da tragédia e tal trama, por sua vez, é uma espécie de mimese.

Como já deixamos de certa forma evidenciado em nosso título, a falta de definição da parte de Aristóteles nos coloca a questão de entender os efeitos provocados pela tragédia, pois a catarse parece ligar-se a tais efeitos, ou ser um desses efeitos. Assim, pela passagem do capítulo seis e de outros capítulos da *Poética*, como o trecho que vai dos capítulos nove ao quatorze, vemos o filósofo comentar sobre as partes que compõem a tragédia e que este tipo de trama deve surtir, em leitores e em espectadores, dores como a piedade e o temor, como

também dela deve provir um prazer, que não é de qualquer tipo, mas um prazer próprio a esta espécie de poesia.

Retomamos os efeitos da tragédia nos capítulos seguintes. O capítulo quinto (item 6) trata das emoções, enquanto o capítulo sexto (item 7) é dedicado ao exame da noção de prazer. Entretanto, em tais capítulos não discutiremos essas noções em todas as formas em que elas aparecem no *Corpus*, mas nos limitamos à análise de aspectos que esclareçam sua presença na *Poética*, como o fato, no caso das emoções, delas provocarem sensação dolorosa e propiciarem certa cognição, como a análise empreendida por Aristóteles em *Retórica* II demonstra; ou, no caso do prazer, ser ele visto como algo bom para a vida, além de sua natureza estar ligada ao tipo de atividade envolvida, como *Ética a Nicômaco* X mostra.

Além disso, relembremos que a tragédia é entendida como uma das formas de μίμησις, sendo analisada juntamente com a pintura, a escultura, a dança, a música e as outras formas de poesia mais comuns na Grécia antiga – a epopeia, a aulética, a citarística, o nomo, o ditirambo e a comédia, embora seja à tragédia, mais do que às outras formas de μίμησις, que Aristóteles se dedica na *Poética*, pelo menos naquilo que temos desta. Pelo capítulo quatorze da obra, ficamos sabendo que o temor e a piedade são emoções que provêm tanto do espetáculo cênico, quanto da conexão entre os fatos, mas é a conexão destes, isto é, a estruturação da própria trama, o elemento mais importante, pois é nela que esses efeitos devem estar presentes, sendo que apenas a leitura da trama trágica suscita o temor e a piedade, sem a necessidade para isso do espetáculo cênico.

O enredo (μῦθος) trágico obedece, assim, a uma estrutura que deve permitir, por sua simples leitura, os efeitos da tragédia. Talvez isso se deva ao fato do espetáculo cênico ser a exteriorização do poema trágico; e a construção da trama, por ser a própria razão da representação cênica, é vista pelo filósofo como mais importante, a ponto de Aristóteles entender o μῦθος como a alma da tragédia. Ou seja, sem texto não há espetáculo e talvez por isso Aristóteles considere o espetáculo secundário em relação ao texto escrito.

Como imitação que é de ação e de vida, a tragédia parece provocar coisas paradoxais, como já dissemos, dor e prazer. Essa aparente contradição revelou-se, em especial para a crítica mais recente, uma importante fonte para a compreensão daquela que é a primeira noção citada em nosso título – a catarse. Nossa pesquisa intenta, portanto, esclarecer as relações entre prazer e dor na *Poética*, e analisar se

tal esclarecimento consegue indicar, ao menos, um caminho interpretativo da catarse da tragédia.

Neste sentido, antes que pretender solucionar um problema tão complexo, sobre o qual os mais abalizados filólogos e helenistas se debruçaram, nossa intenção, seguindo as análises mais recentes da questão, é procurar entendê-la dentro de suas próprias limitações, seja pelas condições textuais, seja pelo fato de outras passagens da obra aristotélica pouco nos ajudarem a solucionar o que a *Poética* muitas vezes apenas enuncia.

Passemos então à análise do problema que aqui nos propomos, com uma passagem pelos ritos catárticos – religiosos e higiênicos –, pela medicina hipocrática, pelo uso que Platão faz dos cognatos do verbo καθαίρω, pela presença de tais cognatos na obra aristotélica e sua presença enigmática na *Poética*. Depois desse trajeto, passemos à análise da mimese nos autores do século V a.C., e depois verifiquemos seus sentidos na *Poética*. Por fim, analisemos como as emoções dolorosas e o prazer se relacionam na obra, especialmente na mimese trágica, e vejamos se tais análises nos esclarecem, ou nos indicam um caminho interpretativo, para o que seja a κάθαρσις da tragédia.